

EDIÇÃO 75

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
30 DE ABRIL DE 2022



Sumário



QUADRO: BARRETO '97
SÃO FELIX DO ARAGUAIA

Editorial

3

Claudia Zortea

Amazônia Legal (poemas)

4

Tempestade

Marli Walker

Nódoa

Valdo da Silva

Carta ao escritor

8

Carta à escritora Luciene Carvalho

Deiciely da Silva

Conto

12

Carretel

Antonio Ribeiro

Literamato (resenha)

14

Entre flores e ossos: Um passeio pelo jardim de Marli Walker

Jocineide Maciel e Elizabeth Nascimento

Crônica

18

Aracy Balabanian e a Armênia

Raquel Naveira

Artigo

20

Pedro Casaldáliga e a luta com as palavras

Edson Flávio

Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias e Natália Marques da Silva.

Artista Visual Convidado: Maximino Cerezo Barredo

Colaboradores: Maximino Cerezo Barredo, Marli Walker, Valdo da Silva, Deiciely da Silva, Antonio Ribeiro, Jocineide Catarina Maciel de Souza, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Raquel Naveira e Edson Flávio.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2022

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2022. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

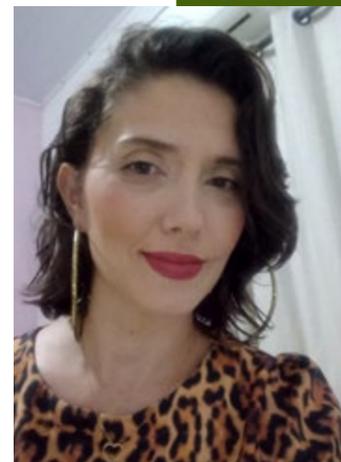
Editorial

O Nódoa deste mês apresenta ao leitor textos que expressam resistência; da mulher, do posseiro, do imigrante, etc. Não há que se justificar a arte, sendo ela resistência ou não. Mas é importante dizer que a arte pode nascer de qualquer espírito, em qualquer lugar ou espaço e nenhuma produção artística, sozinha, conseguiria exprimir o sentido total de arte. A arte é larga; cabe nela a maior diversidade de sentimentos, experiências, intenções, improvisos, inspirações, angústias, amores, mágoas, cabe o rigor, até a métrica e a periodicidade, cabe a liberdade e a resistência. Cabe mais.

Nesta 75ª edição, as ilustrações são do artista plástico espanhol Cerezo Barredo. Cerezo exprime em suas pinturas os ideais da Teologia da Libertação, por isso é chamado por muitos de pintor da libertação. Em Mato Grosso, realizou pinturas em murais de igrejas em várias cidades da região do Araguaia, além de colaborar, com ilustrações, por anos com o jornal Alvorada, periódico da Prelazia de São Félix do Araguaia ativo desde 1970.

A escritora Luciene Carvalho recebe uma carinhosa carta, escrita por uma aluna do ensino médio da Escola Estadual Vereador Bento Muniz, de Tangará da Serra. A carta evidencia a dimensão do projeto Literamato, que leva até as escolas do estado milhares de obras de escritores mato-grossenses e proporciona o contato entre leitores e autores por meio de eventos remotos e presenciais. Deiciely, a autora da carta, diz para Luciene: "A sensação que tive ao ler alguns poemas é de como se abrisse uma janela de clareza, como se desse para ver e sentir o poema". Ficamos muito felizes em receber sua carta, Deiciely, e esperamos que ela motive outros alunos leitores a nos enviarem cartas aos seus queridos escritores. Na seção Amazônia Legal, dois poemas: **Tempestade**, da reconhecida escritora mato-grossense Marli Walker, e **Nódoa**, do experiente, mas não tão publicado, escritor Valdo da Silva. O conto desta edição é de Antonio Ribeiro. Se intitula **Carretel** e apresenta ao leitor um cativante personagem do sertão. Na seção Literamato, Jocineide Maciel e Maria Elizabete Nascimento instigam o leitor com uma resenha do livro de poesia **Jardim de Ossos**, de Marli Walker. Críticas, as resenhistas questionam sobre a escrita da mulher: "quando elas criam – pois acontece cada vez

mais – qual é seu grau de liberdade? No reino das imagens, qual foi, qual é o poder das mulheres? [...] As respostas, se é que existem, só podem ser dadas por mulheres". Busquemos a resposta! Raquel Naveira, na crônica **Aracy Balabanian e a Armênia**, faz o que este gênero tem de melhor ao falar sobre questões atuais com deliciosa proximidade do leitor; ilumina nossa realidade subjacente. No artigo desta edição, **Pedro Casaldáliga e a luta com as palavras**, Edson Flávio Santos, que além de escritor é pesquisador, traz a resistência como assunto ao analisar a produção lírica do escritor Pedro Casaldáliga. Edson Flávio explora o conceito de resistência a partir de reflexões de renomados críticos literários brasileiros. Será um conceito ético ou estético? Leiamos!



Claudia Zortea

TEMPESTADE

o céu em transe no Centro-Oeste
é convulso movimento
(cumulonimbus em cartela cinza-
[chumbo])

o vento me arremessa
até a divina providência
revejo o antigo gesto
ritual da minha mãe
(ela queima palmas bentas
segura as minhas mãos
rogando ao céu proteção
Senhora Mãe dos aflitos,
socorrei-nos, protegei-nos)

aqui nesta terra quente
no centro do continente
o céu nem sempre derrama
a tormenta que ameaça
às vezes é um 'Deus nos acuda'
(o estrago é grande)
às vezes é alarme falso
(tudo segue como antes)



mas a minha tempestade
(aquela que vem de dentro)
é espantosa permanência

procuro desesperada
as palmas bentas da mãe
(nunca sei onde as guardei)
o céu desaba cinzento
joga meus ossos ao vento
às vezes um raio me parte
e sigo despedaçada
sem saber meu paradeiro
vou vivendo ou morrendo
ajuntando meus destroços
reajustando meus ossos
numa carcaça quebrada

seguir assim (como escombro)
já não me põe transtornada
(vou sem palma e sem prece)

é por dentro que acontece
o estrondo da trovoad

(WALKER, Marli, **Jardim de Ossos**, p.38-39)



Marli Walker

O poema "Tempestade" compõe o livro Jardim de Ossos. A obra é uma das selecionadas pelo Projeto Literamato II. Jardim de Ossos traz a seguinte apresentação da autora: "Marli Walker nasceu em Santa Catarina, de onde saiu aos dezoito anos para o sertão de Mato Grosso, região em que viveu por mais de vinte anos. Hoje reside em Cuiabá, onde escreve e leciona no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) [...]". Instagram: @marliwalker



REFORMA AGRÁRIA JÁ!

AMAZÔNIA LEGAL

NÓDOA

Agricultor da terra injusta
Quanto custa o teu labor
Uma migalha pro teu prato
Este é o teu valor.
Lavrador da terra alheia
Planta vida colhe a morte
Na colheita paga a meia
Dá a outro a tua sorte.
Pescador destes rios
Joga a rede pesca mágoas
A mancha do capital
Já manchou até às águas.
Tocador corre os dedos
Nas cordas de tuas artérias
O sangue que nelas escorre
Não lava a tua miséria.



Valdo da Silva

Valdo nasceu lá onde o ribeirão faz curva e o sertão se curva sob o peso da opressão. Escolheu um caminho: o da liberdade. Depois de um monte, vem outro monte. O horizonte sempre em frente. Valdo da Silva não parou...



Carta à escritora Luciene Carvalho



Deiciely de Jesus Ferreira da Silva

Deiciely é aluna do 2º Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Vereador Bento Muniz, de Tangará da Serra. É amante da leitura e da escrita.

Tangará da Serra, 04 de maio de 2022

Cara Luciene Carvalho,

Meu nome é Deiciely de Jesus Ferreira da Silva, sou aluna do 2º Ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Vereador Bento Muniz. Minha professora da disciplina de Língua Portuguesa, Luciana Aparecida Carvalho, que inclusive possui um nome muito parecido com o seu, tem levado obras de autores mato-grossenses para a sala de aula. Os seus textos são os prediletos dela, e em razão disso, tem nos influenciado, pois, ao termos contato com essas obras, vamos nos identificando e assim buscamos nos aprofundar nas que chamam mais a nossa atenção.

Um dos poemas que a professora trabalhou em sala foi "Encardida". É uma história que traz muita reflexão com base em nosso contexto, pelo fato dessas coisas realmente acontecerem. Os poemas que você escreve tocam quem os lê e quem os ouve. São fatos, histórias e acontecimentos que realmente estão entre nós, mas para os quais muitas vezes fechamos os olhos. A sensação que tive ao ler alguns poemas é de como se abrisse uma janela de clareza, como se desse para ver e sentir o poema. São poemas que mostram a simplicidade. São gostosos de se ler; lemos um e queremos ler outro e mais outro. Eles trazem reflexões, muitas que dão força; eles fazem nos sentir capazes e mostram que não devemos nos limitar.

Conhecer você, quando veio a Tangará da Serra para o encontro do Literamato, poder tirar dúvidas e ouvir você mesma falar como aconteceu tudo até aqui, foi muito inspirador. Sua forma de conversar, de lidar com todos, realmente nos encanta, é a imagem de uma mulher guerreira, cheia de vida que não demonstra fraqueza. Suas obras são como se conversassem com os mais jovens, são como se fossem feitas para nós.

Tínhamos planejado fazer algumas apresentações na escola, mas como não aconteceu de você vir, fomos ao Centro Cultural. Pena que não havia como todas as turmas irem, pois foi muito rico para nós, conhecer vocês e ouvir o que tinham a nos dizer. Na palestra, você disse que a maioria das suas obras são coisas que estavam dentro de você e que quanto mais você escreve mais elas vêm surgindo. Eu super me identifiquei. É que também gosto de escrever, e quando começo, as palavras, sentidos, sentimentos, vão surgindo e é como se o lápis e o caderno tomassem vida e neles fossem escritos e postos sentimentos e acontecimentos verdadeiros. Quando termino, é um alívio. Ver as folhas, que já não estão mais brancas, me faz feliz.

Minha professora, uns dias antes, ao ler um dos meus escritos, disse que meus textos tocam a alma. Imagina a minha alegria ao ouvir a palestra de vocês, nos incentivando a escrever e publicar, dizendo para não termos medo de apresentar nossos escritos aos outros. Da mesma forma que me senti tocada, muitos dos colegas de turma e de outras salas também.

Encerro essa carta e, em nome de todos os componentes da Escola Bento Muniz que leram e lerão seus textos, mais uma vez agradeço a oportunidade de ouvir suas sábias palavras. E como disse Mano Raul, cada poema, cada verso, cada letra, cada vírgula é nossa voz saindo do medo para a rua. Você e sua obra nos representam, mais do que isso, nos inspiram e nos encorajam a seguir de olhos erguidos. Esperamos ansiosos que você venha nos visitar

Com carinho, Deiciely



Na Pele

Autora: Luciene Carvalho
Editora: Carlini & Caniato
Publicação: 2020
Páginas: 112



Alunos da E. E. Vereador Bento Muniz, de Tangará da Serra

CARRETEL

Que isso é verdade, isso é. Ou não! Dizia cada vez que perguntavam sobre as aventuras nos bailes da roça. E emendava mais uma daquelas de pasmar. Esse é o tipo característico do matuto das proezas de sarapantar. Se punha o olho em uma garota, coitada! Nem benzimento era capaz de afastar aos desejos dele: galho de alecrim, guiné, flor de maracujá...

Certa feita, salvo engano em março. Era tempo de colheita de arroz. Arrozal dourado por toda parte e lá estava o sonhador causista no seu alinhado traje da lida rural para mais uma empreitada. O arrozal do seu Neu tá mais cerrado. Dizia ao vento sem que ninguém perguntasse e emendava: lá vai dá mais de duzentosaco. E ajeitava seu bigodinho fino. Não que fosse preguiçoso e só puxasse conversa, era bom de prosa e de trabalho. Punha a mão no cutelo e quero ver quem acompanhava. Naquele tempo o arrozal era plantado em talhões de mais de trinta metros de largura por uns trezentos metros de comprimento. E lá ia o paquerador, cantando uma vozinha desafinada. Tinha um repertório amplo de canções, ora popular, ora clássica, ora algumas que ele mesmo compunha numa língua "carretez". Mais adiante você ficará sabendo sobre essa língua.

Mais trabalho e menos melancolia, dizia o chefe de eito. Tinha que botar ordem, pois no fim do dia, ele que pagaria a diária em dinheiro vivo, lá na roça mesmo. No toco. Coisa de zelo do patrão. Nas rodas de conversa com os trabalhadores ele dizia: vai que amanhã acordo morto. Daí quem paga o pião? Todos riam do jeitão brincalhão do patrão. Nesse dia o talhão era do seu Tita.

Para quem não conhece, seu Tita era vizinho do seu Neu, do talhão mais gordo que o tagarela, disse dar duzentosaco. Esse homem era gordão, diziam que era porque suas terras eram melhores e o bolso mais fundo e volumoso. Coisa que só a terra pode explicar. Ou a imaginação que sabe.

Vai chover no fim de semana e tem baile lá na dona Neis. Vou pôr bota de salto alto, vai que tem lama... E desalinhava ou alinhava um comprido e monótono comentário sobre o baile que nem tinha acontecido. Dizia até quantos toques ia dançar. Com a Nena vou dançar dois, ela ginga bem o molejo do ganso. O caipira botava nome nos ritmos dos bailes que conhecia e planejava outros dos que nunca viu tocar. Nem sabia se existia, mas como sua boca não fechava, comentava de tudo e mais um pouco.



Água. Gritou o Tino, lá de cima. O Tino era filho do seu Tita, nesse dia fazia o serviço de bombeiro, como chamavam. Ocorre que no fim de semana anterior, havia dado mal jeito na mão direita. Quem manda dar uma de goleiro! Estava enfaixada e inchada, feio ainda. Foi um rebuliço, pois todos estavam com a garganta seca. Adivinhe a qual estava em situação pior? Era momento de parar só um pouquinho e pegar novamente. Cutelo por cima, cutelo por baixo. O corte rendia bastante, pois o arrozal estava apumado. O grupo de trabalhadores contava com doze homens, três mulheres e o supimpa contador de histórias de bailes não acontecidos ainda. Antecipava pelo menos uns quatro antes do almoço e uns três depois do almoço. Sem repetir episódios. Ele rodava na dança. Muitas vezes estava mais molhado de suor que os outros: sabe lá, não era pelo esforço para galantear as prendas de dança, ou porque fazia as duas coisas: trabalhava, pensava e falava ao mesmo tempo.

Após o almoço era costume uma pequena pestana, ou sonequinha breve. Isso se não tivesse ali a figura emblemática dos causos. Toda comunidade o conhecia bem, era muito respeitador. Ah! Disso todos tinham certeza. Por isso não o enxotavam. Além do mais, seu repertório conduzia os ouvintes em diversas ocasiões, por Deus: não fora do comum, mas por vezes, os trabalhadores entravam em transe "balístico", isto é, pensavam estar também nos bailes. Sem brincadeira, é verdade como existem as notas musicais: um dia vi, em plena luz do sol das dez horas da manhã, quatro ou cinco trabalhadores dançar abraçados com o chapéu no peito. De sorte que o chefe de eito estava na ponta de cima e não percebeu. Imagine o fuzuê se o visse!

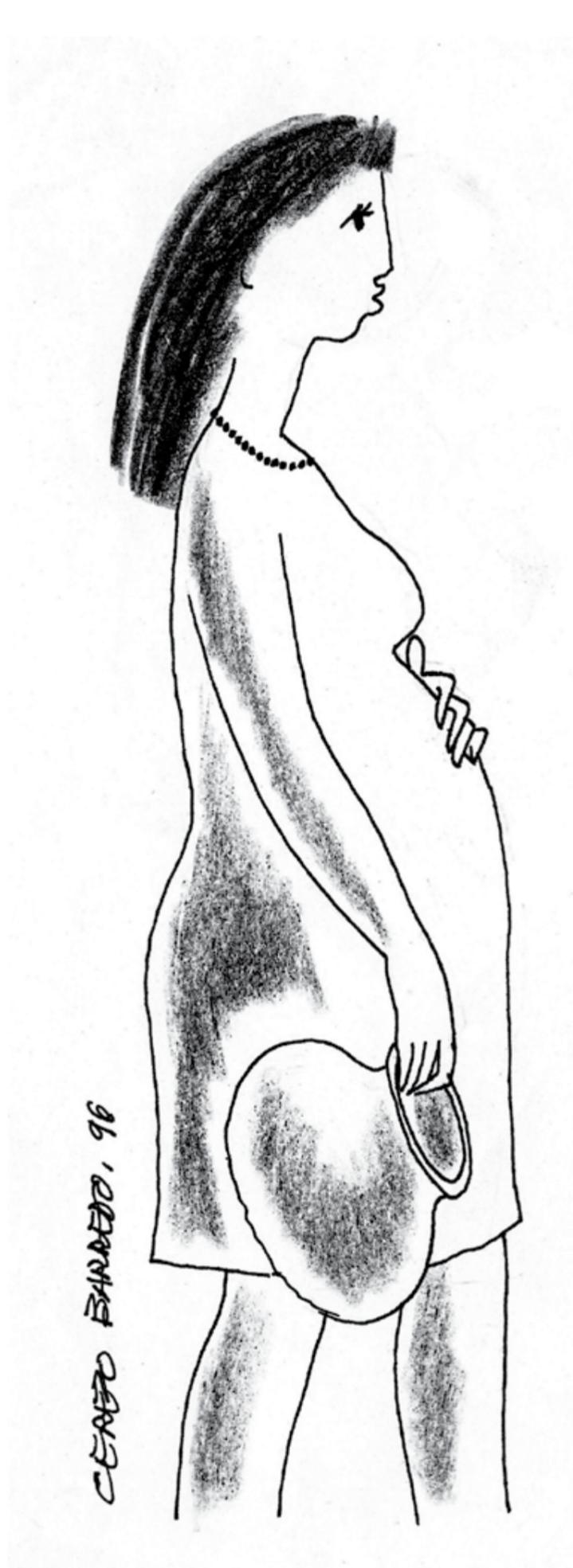
Essa figura lendária dos arrozais de Colândia tinha um outro hábito, bem peculiar: nunca, jamais, "nuncamente" repetia uma dança com a mesma roupa. Não carregava mochila nem qualquer outro artefato que desse a ideia do improviso. Como no seu repertório das músicas que cantava e dos causos, os fazia também com as roupas. Trocava a cada dança. Fazia como se fosse casca e no final do baile a figura estava, literalmente, como um

carretel. Daí sua alcunha, que de tal sorte, pegou muito bem. No baile, aparecia fortão, fofo... depois, fininho... não sei se de fato existiu tal figura, mas as evidências conduzem ao acaso, e o acaso afinal é o quê?



Deodato de Men (Antonio Ribeiro de Almeida)

Deodato de Men (Antonio Ribeiro de Almeida) nasceu em Guarapuava, estado do Paraná em 15/12/1961. Estudou as séries iniciais em escola rural. Atraído pela arte das palavras Licenciou-se em Letras pela UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), especializou-se em Linguística Aplicada pela FAROL (Faculdade de Rolim de Moura-RO), atualmente é docente na rede pública de Educação Básica pela SEDUC-MT.



LITERAMATO

ENTRE FLORES E OSSOS: UM PASSEIO PELO JARDIM DE MARLI WALKER

Nesta resenha, te convidamos a navegar pela essência poética da criação de Marli Walker, em **Jardim de Ossos** (2020). Apresentamos o *eu poemático* como figuração das faces desdobráveis da figura feminina, que nos conduz à observação de que as letras podem alçar voos, regar os jardins das humanidades e, quem sabe, impulsionar a escrita da mulher, de modo a plantar utopias e a destilar sonhos no esperar de que a palavra se torne, *verdadeiramente*, corporeidade. Um dos tentáculos da criação poética de Marli é o diálogo entre o interior e o exterior, de modo a fortalecer os fios que representam a ambiguidade das palavras ao lembrar que o ato da escrita se faz na corporeidade.

O livro de Marli Walker **Jardim de Ossos** é apresentado em duas partes - a primeira intitula-se "Canteiros de espantos", e a segunda "Cultivos eventuais". Os poemas que compõem o livro são permeados de metáforas que nos levam a sentidos múltiplos, à simbologia de como os corpos se diferenciam e, ao mesmo tempo, se completam; corpos com esqueletos duplos, que participam do jogo entre o que está fora e o que fica dentro,

e ainda da potencialidade das palavras para articular o encontro entre os dois mundos que se faz "sob o sal das águas do meu tempo. [...] Minhas mãos deslizam/Em oceanos submersos" (WALKER, 2020, p. 13).

A construção estética produzida por Marli mostra a corporeidade das palavras e/ou como as palavras se articulam "ao tocar a flor da minha pele/minhas mãos deslizam/em oceanos submersos e,/vez ou outra,/esbarram n'alguma pérola". Aqui retornamos à simbologia das palavras em que o vocábulo **pérola**, dentre tantas outras simbologias descritas por Chevalier e Gheerbrant (2015, p.712) relaciona-se ao "símbolo lunar, ligado à água e à mulher [...] a pérola pode ser nascida das águas ou nascida da Lua, ela representa o princípio". Embora os poemas não sejam estritamente escritos para mulheres, mas por mulher, a essência de suas peculiaridades está sobrevoando as metáforas presentes na obra.

É possível perceber em seus versos o poder da ancestralidade, quer seja implícita e/ou explícita, ressaltando o mosaico que é o ser humano com suas secas e temporais, por



Jocineide Catarina Maciel de Souza

Quilombola Pita Canudos, é graduada em Letras, Mestra em Estudos Literários pela UNEMAT e Doutoranda no PPGEL da UNEMAT. Professora de língua portuguesa, atuando como formadora no DRE/CEFAPRO em Cáceres/MT. Bolsista do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Amazônia Legal. É membra fundadora (2017) do Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres/MT.

jocineide.souza@unemat.br



Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Doutora em Estudos Literários pela UNEMAT. Livros publicados: Educação Ambiental e Manoel de Barros; Asas do inaudível em luzes de vaga-lume; Sinfonia de Letras; Participação em diversas coletâneas literárias (poesia) Professora de língua portuguesa, atuando na Diretoria Regional de Educação em Cáceres/MT.

maria.elizabete@unemat.br

meio de elementos externos da vida cotidiana que convergem para o lado interno.

Da segunda parte do livro apontamos a incitação ao erotismo que dialoga com as proposições de George Bataile (1987), quando discorre a estreita relação entre os prazeres carnis e os mitos cultuados pela religiosidade cristã. Nesse sentido, o autor acrescenta que: “o erotismo e a religião nos são fechados à medida em que não o situamos deliberadamente no plano da experiência interior” e acrescenta que:

[...] tudo vai bem se é condenado, se antecipadamente nós o rejeitamos, se nos libertarmos dele, mas se (como ela o faz frequentemente) a ciência condena a religião (a religião a moral) que se revela, nesse ponto, ser o fundamento da ciência, deixamos de nos opor legitimamente ao erotismo. Não nos opondo mais a ele, devemos deixar de fazer dele uma coisa, um objeto exterior a nós. Devemos encará-lo como o movimento do ser em nós mesmos (BATAILE, 1987, p.).

Para aguçar seu desejo de leitura, caro leitor, destacamos que o poema pomar (ou jardim) nos leva à experiência sensível entre o corpo e o espírito, incitando no primeiro momento o ser incompleto da mulher, misteriosa e encantadora. Se recorrermos a Chevalier e Gheerbrant (2015) veremos que à serpente está ligada inúmeras simbologias, entre elas destacamos a serpente fêmea, que para os autores “é a serpente-princípio que mora nas profundas camadas da consciência e nas profundas camadas da terra. Ela é enigmática, secreta; é impossível prever-lhe as decisões, que são tão súbitas quanto as suas metamorfoses” (2015. p.814). É interessante observar como essas proposições dos autores movimentam-se na poética de Marli Walker e

**Ela vem
Feito serpente
Meio deusa
Meio gente
Sem guizo
Feito hera
Feito riso**

(WALKER, 2020, p. 61)

nos flagra os sentidos, na circular semiose do texto: Ela vem/Feito serpente/Meio deusa/Meio gente/Sem guizo/Feito hera/Feito riso (WALKER, 2020, p. 61).

A construção estética da figura feminina na metáfora da serpente, mostra como quase em todos os poemas desse livro, o saber da experiência está ligado à vida, à existência e, portanto, não aparece como objetos de ciência, mas na/pela paixão intensa pela arte. E, mais profundamente, pela belíssima contemplação do encontro entre o jogo do ver e do sentir, surge o artefato poético que a incorpora e nos aponta para dois pontos incisivos do poema e que Bataile (1987) vai, de certa forma, aprofundar na discussão que é a aliança entre o interdito e a transgressão.

As nomeações das duas partes do livro, bem como seu próprio título, vêm carregadas de simbologias e figurações do campo semântico da linguagem que fogem na liquidez de nossa corporeidade. Em “Canteiros de espantos” visualizamos um plantio cuidadoso com as sementes das admirações, dos assombros, das surpresas, dos medos, das saudades, dos encontros, dos desencontros, entre outras vivências do corpo; enquanto em “Cultivos eventuais” vislumbramos que o próprio *eu poemático* fica surpreso com a colheita que, de certo modo, apresenta elementos que a espantam ao invadir seu próprio corpo, porque não é uma safra planejada, é casual e, até certo ponto, incerta, mas recheada de flores e ossos que a mantém de pé, jardineira, como diria Mário Quintana. Ou seja, são dois percursos que se completam no autoconhecimento e no reconhecimento da própria condição do ser, sempre em vias de fazer-se, porque o jardim nunca fica pronto, sempre necessita de cuidados, de novas plantações.

O estudo aprofundado sobre as tradições e as rupturas acerca da representatividade feminina na poesia contemporânea,

como é o caso da produção de Marli Walker e tantas mulheres que escrevem, tanto na prosa quanto na poesia, contribuem para, quem sabe, responder Michelle Perrot (2005), quando questiona a figuração da mulher na ótica dela mesma: “quando elas criam – pois acontece cada vez mais – qual é seu grau de liberdade? No reino das imagens, qual foi, qual é o poder das mulheres?” (PERROT, 2005, p.432). As respostas, se é que existem, só podem ser dadas por mulheres, pois concordo com Maurice Merleau-Ponty quando enfatiza que:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído com o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03).

Nos veios da linguagem poética de Marli Walker, nas estratégias poético-discursivas em oscilação, há, ainda, muitos outros enigmas e mistérios da lírica feminina em transição na cena literária contemporânea, ficamos apenas a mirar as potencialidades que, no momento, cabem em nossos olhos, sabendo que nos olhos dos outros, elas se multiplicam. Para nós mulheres, ler a arte de outras mulheres é como celebrar a nós mesmas, é como sentar num lugar que, por muito tempo, nos foi negado o direito ao descanso e a contemplação.

Os poemas de **Jardim de Ossos** parecem ter morada no próprio corpo do *eu poemático*, são aves selvagens que agora voam sobre as páginas dessa obra e impulsionam aos inúmeros sentidos da arte de pensar o corpo. E, por fim, o *eu poemático*, em Marli Walker apresenta-se com suas formas originárias, atapetado por suas peculiaridades, fortalezas construídas nas frágeis e misteriosas palavras de quem, ao questionar-se e problematizar a condição existencial, questiona o estar no mundo e, assim, revela-se em poemas, os quais permanecem sempre jovens, cheios de vigor e de promessas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2014.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BATAILE, Georges. **O interdito e a transgressão**. In: O erotismo. Trad. Antonio Carlos Viana. – Porto Alegre: L&PM, 1987, pp. 19-26.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano 1993.

COLASANTI Marina. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

WALKER, Marli. *Jardim de ossos*. Cuiabá/MT: Carlini e Caniato editorial, 2020.

ZANINI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero: a constituição da identidade feminina*. Caxias do sul, RS: Educs, 2013.



ARACY BALABANIAN E A ARMÊNIA

Perplexos, estamos assistindo a um genocídio, ao extermínio deliberado dos ucranianos pelo russos. Milhares de pessoas em movimento, tentando fugir da zona de combate, cruzando fronteiras, espalhando-se pelo mundo. Algo semelhante aconteceu com a Armênia que,

durante a Primeira Guerra, foi tomada pelos turcos otomanos, que acusaram os armênios de serem aliados dos russos. Vieram os massacres, as deportações, a faxina étnica, num processo implacável e sangrento que levou à morte muitos armênios. As

autoridades turcas, no entanto, sustentam que tudo foi resultado de uma guerra civil acompanhada de doenças e fome. A República Soviética transcaucasiana foi dividida entre Armênia, Azerbaijão e Geórgia, gerando tensão, medo, terror. A independência veio apenas no dia 21 de setembro de 1991, tornando a Armênia uma nação vocacionada para o desenvolvimento e a liberdade.

Foi nessa onda de êxodo e valentia dos armênios que o pai de Aracy Balabanian veio para o Brasil, fixando-se em terras de cerrado do sul de Mato Grosso, na cidade de Campo Grande, numa rua central, a Dom Aquino. Os armênios logo perceberam que era uma boa praça para o comércio e dedicaram-se principalmente ao ramo de calçados. Nessa mesma rua, onde moramos até hoje, meu avô português, o Carvalhinho, fabricava e vendia móveis. Nossas famílias eram, portanto, vizinhas e amigas, sendo Aracy da mesma idade que minha mãe. A família Balabanian era singular. O pai de Aracy casou-se pela segunda vez com uma senhora armênia, também viúva. Ele com cinco filhos e ela com um. Aracy foi o fruto dessa união e conviveu cercada de irmãos, num total de sete. Foram educados para a vida, orientados para serem independentes, neste novo país em que foram acolhidos. E Aracy, nascida em 1940, em Campo Grande, trilhou esse caminho.

Aos quinze anos, Aracy mudou-se para São Paulo. Estudou Sociologia e Arte Dramática, pois o teatro sempre foi sua paixão e o palco, o seu lugar. Desde criança, queria ser anjinho no auto de Natal. Um dia, ouviu a reprimenda: “_ Com esse nariz adunco e os olhos saltados, você não pode ser anjinho. Anjinho é só loirinha, que tal pastorinha?” A menina armênia cresceu, virou atriz e, mais tarde, para sua surpresa, um diretor lhe disse: “_ Você veio da terra sagrada, oriental, exótica. O papel que lhe cabe é o de Maria.” Foi um grande triunfo.

Décio Almeida Prado, depois de vê-la atuar, declarou: “_ Ontem nasceu uma estrela.”

Aperfeiçoou-se com professores da categoria de Cacilda Becquer e Sábado Magaldi. Seu sonho foi crescendo. Fez carreira no teatro, no cinema e na televisão. Foi a Antígona, da tragédia de Sófocles; par romântico de Sérgio Cardoso na novela *Antônio Maria*. Tornou-se uma das maiores intérpretes do meio artístico com personagens inesquecíveis até chegar à excêntrica Dona Armênia, nas novelas *Rainha da Sucata* e *Deus nos Acuda*, de Sílvio de Abreu. Com Dona Armênia, Aracy pode fazer uma homenagem à sua descendência, lembrar da sua infância, treinar o sotaque, passar toda a sua emoção. A expressão “*na chon*”, bordão de Dona Armênia, virou sucesso nacional.

No livro *Nunca Fui Anjo*, Aracy desvenda fatos dramáticos, trágicos, cômicos e surpreendentes de sua vida, registrados por Tânia Carvalho. Conta que optou por não se casar e não ter filhos para abraçar unicamente a carreira. Que renasceu das cinzas, depois de um incêndio que destruiu seu apartamento na Gávea. Revela-se uma pessoa íntegra, autêntica. Uma cidadã do Brasil que tem a Armênia no coração. A Armênia que supostamente outrora foi o Jardim do Éden bíblico. Que, segundo a tradição judaica, foi onde a arca de Noé enclhou após o dilúvio, próxima ao monte Ararate. A Armênia dos impérios, do cristianismo, das dinastias, das ocupações árabes e persas. Assim Aracy se pronunciou no livro *Armênios e Brasileiros: marcas de uma convivência*, de Sossi Amiralian: “Meus pais me encantavam; a ternura que nos deram, mesmo depois de tudo o que passaram e viram durante a guerra. Jamais guardaram rancor.”

Você continua nos encantando, Aracy, com o testemunho de uma esperança que vem do perdão e da coragem de lutar, de recomeçar.



Raquel Naveira

É formada em Direito e em Letras pela UCDB. Mestre em Comunicação e Letras. Doutora em Língua e Literatura Francesas. Publicou mais de trinta livros. O mais recente é o livro de crônicas poéticas *Leque Aberto*. Escreve para várias revistas e jornais. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, à Academia Cristã de Letras de São Paulo, à Academia de Ciências e Letras de Lisboa e ao PEN Clube do Brasil. raquelnaveira@gmail.com



PEDRO CASALDÁLIGA

e a luta com as palavras

A Poesia é a palavra emocional. Por ela a gente se diz e diz o Universo, o Próximo, o Povo, a Morte, a Vida, Deus, calidamente. A poesia é a resposta sensibilizada a tudo e a todos num encontro, que pulsa a alma e compromete as opções.

Pedro Casaldáliga¹

São Félix do Araguaia, município mato-grossense, distante 1.159 km da Capital do Estado, Cuiabá, foi morada do Bispo, Dom Pedro Casaldáliga. A região do Araguaia, é uma região singular, banhada pelo caudaloso e misterioso Rio Araguaia, povoada por índios que tiveram suas terras divididas, colonos que vieram em busca do “El Dourado”, peões vindos especificamente do norte e nordeste do país, que muitas vezes foram escravizados nas fazendas dos grandes latifundiários sulistas e gaúchos, que por sua vez, povoaram as terras, motivados pelos programas de incentivo rural implementados pelo Governo Federal, nos

idos de 1970. Todos, compondo políticas de apoio às atividades agropecuárias no Estado, criando, desta forma, um panorama de exploração e desigualdade que abriu chagas sociais profundas no nordeste de Mato Grosso. Nesse universo Pedro Casaldáliga esteve imerso e é dele que emergiu parte significativa da sua obra.

Com o propósito de dar a conhecê-la, este texto persegue a proposta de alçar reflexões acerca do par poesia e resistência na obra de Pedro Casaldáliga, tendo como pontos básicos de partida dois textos de Alfredo Bosi, que são ensaios de obras distintas:

¹ Em entrevista concedida por ocasião da primeira publicação de poemas feita em Mato Grosso, 1989.



Edson Flávio

Edson Flávio é cacerense, doutor em estudos literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos literários (PPGEL/UNEMAT). É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga – escritos escolhidos* (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

edsonflaviomt@gmail.com

Poesia e Resistência² e Narrativa e Resistência³, aliados aos outros textos considerados propícios no movimento da análise.

O termo *resistência*, aqui adotado pela estética literária começa a surgir entre as décadas de trinta do século passado e se fortalece a partir de 1945, que foi, para o mundo todo, um tempo de união de forças populares e intelectuais progressistas. Encontramos então, no período pós-guerra o cerne da literatura de resistência. Mas a resistência como tema ou pré-texto, ou ainda consistência interna do texto literário existe desde os clássicos gregos.

No dizer de Bosi, “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito” (BOSI, 2000, p. 118), por isso, considerado importante para as observações a respeito da obra do escritor.

Pedro Casaldáliga quando adentrou o Araguaia, para dar conta da missão de evangelizador se vê num ambiente hostil e, pela poesia, realizou seu ofício de poeta e denunciou a realidade constatada:

Roubaram as terras índias
e batizam as fazendas
com nomes de índios ausentes.

...
Debaixo da terra os mortos
pedem os cantos da tribo...
e só respondem os bois
calcando a paz invadida.

[..] (CASALDÁLIGA, 2006, p.101)

² BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo da Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 163-227.

³ BOSI, Alfredo. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P 118-135

⁴ Cf Hilda Magalhães (2001: 225) em suas reflexões a partir de 1970, quando o governo federal passou a implementar, em grande escala, políticas de apoio às atividades agropecuárias em Mato Grosso, incentivando o aumento do fluxo migratório de gaúchos e sulistas para o Estado. Do mesmo modo, houve, através de programas de incentivo rural, como a SUDAM, BASA e SUDECO, um maciço investimento nos latifúndios, ao mesmo tempo em que os pequenos proprietários, sem acesso a financiamento, foram condenados ao empobrecimento

Aqui, a terra subtraída e desnomeada guarda, não só a memória, mas o presente inglório do povo. Um povo que no sonho do *Eldorado* perdeu-se. Não tendo seu pedaço de terra, deslocou-se pela estrada e acabou servindo de mão-de-obra para as grandes atividades produtivas dos latifundiários. Os poucos que conseguiam estabelecer-se no contexto de exploração que a Região vivia na década de 70⁴ experimentavam, devido à falta de afinidade cultural e muitos conflitos que criavam, “uma espécie de terra sem lei e sem civilização” (STÉDILE, 2008, p. 41).

Pedro, como poeta, artista da palavra, demiurgo de sua arte, catalisou nos poemas a ausência dos valores imanentes do ser humano. A não presença destes valores no mundo presente é o mister de seu processo de criação. Assim, “a poesia cria, através da ação simbólica, muitas vezes com poder revolucionário, um novo mundo e novas relações sociais” (BOSI, 2000, p. 167). E é na “revolução” que se encontra lugar para a poesia de Casaldáliga, como um caráter de resistência.

Lembrando que

A cultura de resistência é democrática (e, no limite, se confunde com a “desobediência civil”), porque nasceu sob o signo da ditadura; é ecológica, porque vê os estragos do industrialismo selvagem no campo e na cidade; e é distributivista, porque se formou em um país onde há uma das maiores concentrações de renda do mundo. Quando enfermada por doutrinas religiosas (em particular, a Teologia da Libertação, formulada no começo dos anos 70 na América Latina), e aberta às correntes progressistas que militam ao seu lado e contra os mesmos alvos. Quando leiga, e respeitosa dos valores que chamam os crençantes a lutar pela igualdade e pela liberdade. Em ambos os casos, esta cultura de resistência, provém de uma escolha política que não renunciou a detectar algum sentido no

aparente caos da história contemporânea. (BOSI, 1992, p. 364)

Assim, Pedro Casaldáliga inseriu-se neste contexto não só como estrangeiro que chegava ao Brasil, mas também como bispo adepto da teologia da libertação⁵, constituindo-se, ao largo de anos de atuação apostólica e militante, uma das grandes referências desse modo de vida religiosa no mundo todo. Em consequência disso, sofreu cerceamentos por parte das demais “alas” da Igreja Católica e principalmente do seu Pontífice, o Papa. Confluíram-se, assim, as faces religiosa e artística de nosso autor. Este acúmulo de poderes (sim, porque a religião é um poder e a arte, por conseguinte a escrita, também é um poder) dá ao referido autor instrumentos eficazes na sua missão de poeta e profeta.

A poesia e a religião uniram-se tanto na missão evangelizadora quando na missão pacificadora, utilizando-se e realizando-se mutuamente numa simbiose de valores que combatem, aos anti-valores existentes na vida experimentada no real, aqui vistas como em O REINO E O ANTI-REINO:

Nas trevas da mentira
a máquina do lucro,
a fome do poder,
os ídolos da Morte.
Diante deles caem
os joelhos incautos.
Eles vêm massacrando
teus anônimos filhos sem defesa.
Seu braço imenso tenta
capturar-nos
a todos, Pai da Vida!

⁵ Corrente da Igreja Católica da América do Sul que sustenta a ideia da igreja como instrumento de transformação social.

⁶ Foi preso político em 1974 e atuante missionário com Dom Pedro em vários momentos.

Ajuda-nos a abrir
as portas do santuário,
igual que uma consciência,
ao sol, ao mundo,
ao curso do Araguaia. [...]

Sob as telhas antigas da missão
rompe a luz da Verdade
no estandarte da Páscoa,
e os passos de Francisco,
do Povo e dos romeiros.
Sem medos, na esperança;
sem deuses, Deus-conosco;
na graça e na conquista
do Teu Reino!

(CASALDÁLIGA, 2005, p. 11)

Parece emergir destes versos uma “obrigação tácita de descrever a realidade imediata” (CANDIDO, 1993, p. 26), um peso da missão de Pedro, sem renegar nenhum de seus ideais. Dessa forma ficou impresso na região seu lema, com uma de suas frases mais fortes: “as minhas causas valem mais que a minha vida” (ESCRIBANO, 2000, p. 146), afirmando o que diz Pedro Tierra⁶, amigo e companheiro de luta, na biografia do escritor: “Pedro vive seu martírio como vive seu júbilo” (2005, p. 73), júbilo de quem aguardou o Reino e viveu seu martírio de lutar contra o Anti-Reino.

Salta deste, e de outros poemas, a possibilidade de que Casaldáliga, viajando, adentra “O Araguaia” para não só dar conta da sua missão evangelizadora (levar a Vida!), mas, principalmente, experimentar os conflitos de uma região e as dores de um povo. Experimentar, em concretude, a vida e a morte deste povo, elementos muito presentes no conjunto de seus poemas.

A importância de caracterizar, ainda que de forma ensaística, a criação poética deste escritor está na possibilidade de desentranhar do poético a identidade de um povo, que “é a escrita de um eu

coletivo” (MAGALHÃES, 2001, p. 295) e se expressa na comunicação da obra, onde não existe um grupo específico, uma escolha, um leitor determinado. Um “eu” coletivo constituído por todos os povos, todas as raças. Não há, portanto, a noção de identidade única, mas a pluralidade dela, no sentido de alcançar o redimensionamento dos conceitos sociais prementes no contemporâneo.

Percebemos isto quando no final de alguns de seus *poemas-prece* encontramos a expressão “Amém, Axé, Awere, Aleluia!” (CASALDÁLIGA, 2005, p. 36). Abarcando, assim, todos em uma grande família: brancos, cristãos, negros, índios... todos, como o poeta, resistentes, no conjunto de uma obra que vai se transformando em marca da constituição multicultural do povo.

Bosi, afirma que

uma das marcas mais constantes da poesia aberta para o futuro é a coralidade. O discurso da utopia é comunitário, comunicante, comunista. O poema assume o destino dos oprimidos no registro da sua voz. O coro de todos os homens que trabalham no ritmo da dominação ressoa. (2000, p. 213)

É a presença plural do eu com todos, de não estar apenas de fora, observando o mundo que passa, o povo que sofre, um poeta firme, que tinha os pés fincados no chão onde pisava e no compromisso com a vida:

Seu braço imenso tenta
capturar-nos
a todos, Pai da Vida!

(CASALDÁLIGA, 2005, p. 11)

Ou ainda, temos a assertiva de que “o coro atua, necessariamente, um modo de existência plural. São as classes, os

estratos, os grupos de uma formação histórica que se dizem no tu, no vós, no nós de todo poema abertamente político” (BOSI, 2000, p. 213), como nos versos abaixo:

Ajuda-nos a abrir
as portas do santuário,
igual que uma consciência,
ao sol, ao mundo,
ao curso do Araguaia.

(CASALDÁLIGA, 2005, p. 11)

Aqui a figura do Rio Araguaia, que dá nome à região e que também sinaliza o rumo, o norte de todo um povo que (sobre) vive às suas margens. Símbolo também da libertação e da terra prometida, um mar interno e aberto, que recorta as divisas do Estado. Que observa tudo, sereno, quieto, presente.

Como forma de resistência e presentificação do sonho, “o coro não se limita a evocar uma consciência de comunidade; ele pode também provocá-la, criando nas vozes que o compõem o sentimento de um destino comum” (BOSI, 2000, p. 215) como nos versos que seguem:

Sem medos, na esperança;
sem deuses, Deus-conosco;
na graça e na conquista
do Teu Reino!

(CASALDÁLIGA, 2005, p. 11)

Na perspectiva em que analisamos parte da produção do poeta, até aqui, como poeta-profeta vimos que “junto com a imagem do horizonte messiânico, o hino e a canção de resistência trabalham o futuro como potencialidade que o desejo permite atuar. É o futuro da opção,

o imperativo da vontade” (BOSI, 2000, p. 216), assim escreveu o poeta: nunca te canses!

Nunca te canses de falar do Reino,
Nunca te canses de fazer o Reino,
Nunca te canses de checar o Reino,
Nunca te canses de acolher o Reino,
Nunca te canses de esperar o Reino.⁷

(CASALDÁLIGA, 2006, p. 92)

Ou no *Maior Amor*:

[...]

Nossos caídos tombam
com a flor da esperança
nas mãos ressuscitadas.
nossos mortos caminham,
arrastando consigo a História Nova.
contra os berros da morte,
as palavras da vida:
Terra! Libertação!

__canto coral da nossa Caminhada.

Nuvem de testemunhas
nos sustenta a coragem.
Nós somos testemunhas
de testemunhas, [...]
Com eles caminhamos,
libertando o futuro.

CASALDÁLIGA, 2005, p. 63)

Assim, Pedro Casaldáliga, como denunciante, viveu (in)tensamente a dimensão do futuro, um futuro-presente- imediato que é “a rigor barbárie e caos” (BOSI, 2000, p. 216), mas que, através da sua poesia pode ser melhor. Pois, através do sentido coeso do poético, que vem da coexistência da resistência e por analogia, da luta contra a exploração aliada à convicção religiosa inabalável, pelos

⁷CASALDÁLIGA, op. cit. p. 92.

seus versos, revelou ao povo “aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale à pena lutar” BOSI, 2000, p. 217). Pedro Casaldáliga viveu lutando até seus últimos dias. Falecido em 08 de agosto de 2020, foi enterrado em São Félix do Araguaia – Mato Grosso, no Cemitério Karajá à beira do Rio Araguaia, sob a sombra de um pequizeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993. vol 01,

CASALDÁLIGA, Pedro. **Águas do Tempo**. Cuiabá: Ed Amazônia / Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Murais da Libertação**. São Paulo: Loyola, 2005.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Orações da caminhada**. Campinas – SP: Verus Editora, 2005.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos Adversos - Antologia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ESCRIBANO, Francesco. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

MAGALHAES, Hilda. **História da Literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicem publicações, 2001.

STÉDILE, João Pedro. A causa da terra. In: FORCANO, Benjamim. et ali. **Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida – Retrato de uma personalidade**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008, p. 33-54



Artista Visual Convidado:



Maximino Cerezo Barredo

Sacerdote, missionário claretiano nascido em Villaviciosa, Astúrias, Espanha, em 1932. "Estudou pintura e desenho na Escola de Bellas Artes de San Carlos, Valência, e na Escuela de Bellas Artes San Fernando, Madri." É chamado por muitos de pintor da libertação, pois expressa em suas pinturas os ideais da Teologia da Libertação. Cerezo realizou pinturas em murais de igrejas em várias cidades da região do Araguaia em Mato Grosso.

Realização



UNEMAT